

LEITURAS PALEOGRÁFICAS DA SÉRIE IRMANDADES DO ARQUIVO DA CÚRIA METROPOLITANA DE SALVADOR: EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO¹

Claudia Moraes Trindade, Luiz Antonio Pacheco de Queiroz,
Marcus Vinícius da Silva Saldanha e Renata Soraya Bahia de Oliveira²

1. INTRODUÇÃO

O objeto desta comunicação é o relato da experiência da aplicação das técnicas de leitura e transcrição paleográficas, sobre a documentação do arquivo da Cúria Metropolitana de Salvador, especialmente da série Irmandades, sob a guarda do *Laboratório de Conservação e Restauração Reitor Eugênio de Andrade Veiga*, para restauração, preservação, conservação e tratamento arquivístico. O relato das experiências decorrentes desta atividade é mais uma oportunidade para a formação dos profissionais capazes de cumprir o papel de garantir a integridade da documentação e de seu conteúdo histórico.

De acordo com a etimologia grega da palavra: *paleos* significa “antiga” + *graphein*, que, por sua vez, significa “escrita”. Sendo assim a Paleografia é o estudo da escrita antiga.

Inúmeros autores preocuparam-se com a conceituação e utilização desta ciência. Agustín Millares Carlo diz que

Paleografia é a ciência que trata do conhecimento e interpretação das escritas antigas e que estuda as suas origens e evolução. Os dados por ela fornecidos permitem em muitos casos, não somente localizá-las no tempo e no espaço, mas também descobrir e emendar os erros cometidos na transcrição de um texto por um copista pouco conhecedor da letra e abreviaturas do seu arquétipo, sendo, por conseguinte, fator indispensável à depuração textual, e, quando se trata de documentos, um auxiliar eficaz da crítica diplomática. (MILLARES CARLO, 1929)

Já Maurice Prou (1924, p.1) afirma que “A paleografia é a ciência das antigas escritas. Tem por objeto a decifração das escritas da Antiguidade e da Idade Média. O seu domínio se estende de documentos escritos: inscrições, moedas, selos, atas e livros”. Enquanto isto, Ricardo Roman Blanco (1987) contribui dizendo que a paleografia “É a ciência que nos ensina a ler e interpretar corretamente documentos manuscritos antigos, ocupando-se essencialmente com a origem e evolução da escrita”.

Já em relação aos fins a que se destina a Paleografia Berwanger (1995) diz que

Em resumo, a Paleografia abrange a história da escrita, a evolução das letras, bem como os instrumentos para escrever. Pode ser considerada arte ou ciência. É ciência na parte teórica, arte na aplicação prática, acima de tudo, é uma técnica. [...] A Paleografia tem por objeto, portanto, o estudo das características extrínsecas dos documentos e livros manuscritos, para permitir a leitura e transcrição dos mesmos, além da determinação de sua data e origem.

¹ Experiência de estágio, sob a orientação dos Professores Afonso Bandeira Florence e Venétia Durango Braga, do Curso de História com Concentração em Patrimônio Cultural do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Católica do Salvador e coordenadores do projeto de Conservação e Restauração do Laboratório de Conservação e Restauração Reitor Eugênio de Andrade Veiga – LEV. lev@ucsal.br.

² Acadêmicos do Curso de História da Universidade Católica do Salvador – UCSal e estagiários do Laboratório de Conservação e Restauração Reitor Eugênio de Andrade Veiga – LEV.

O conhecimento do documento não depende apenas de sua leitura, já que a sua interpretação também traz dificuldades. Nesse ínterim é que a Diplomática auxilia, contribuindo para a decifração, o seu significado, autenticidade e veracidade. Assim, a relação da Paleografia com a Diplomática permite o estudo dos caracteres extrínsecos e do conteúdo dos documentos. De acordo com Belloto (1991) “Dentro das ciências documentárias a diplomática é a atividade que se ocupa da descrição e da explicação dos atos escritos: seu campo de aplicação são os documentos gerados na área pública, neles estabelecendo as formas que lhe conferirão validade legal”.

A Paleografia serve-se de recursos de várias ciências que ao mesmo tempo lhes prestam serviço, como é o caso da História, que, sem ela, não poderia ler e transcrever registros de vários períodos, sobretudo os mais antigos. Estabelecendo relações diretas com as gerações passadas, a Paleografia auxilia a compreensão das antigas instituições, seus costumes, literatura, crenças e modos de ser.

A experiência de leitura e transcrição da documentação referente à série Irmandades do *Arquivo da Cúria Metropolitana de Salvador* tem revelado dificuldades elementares do ponto de vista paleográfico, por se tratar de documentação do século XIX. As dificuldades maiores advêm do estado físico dos documentos, constituídos, quase na sua totalidade, no suporte em papel, com alguns poucos pergaminhos.

O diagnóstico da documentação é indispensável ao trabalho de leitura e transcrição, com ele detectamos o estado de degradação, identificando os procedimentos técnicos necessários ao seu manuseio. Os documentos em suporte de papel, muito normalmente, degradam-se pela acidez, em especial quando a tinta utilizada é de tipo ferrogálica. Em Paleografia, quando falamos do século XIX nos referimos ao tipo de escrita humanística cursiva, que era a escrita corrente. As letras começam a juntar-se umas às outras devido ao desejo de escrever mais depressa. Toda documentação brasileira está escrita assim. Muitos dos documentos sofrem uma degradação na própria tinta, que, através de migração, distorce os contornos das letras, tornando confusa a forma das palavras. Vale observar que os pergaminhos não acidificam. Assim, a ação natural dos componentes degradantes do suporte ocasiona borrrões, corrosão, perda de suporte e, muitas vezes, até perda de conteúdo.

Estas não são as únicas causas de degradação, pois comumente identificamos a ação de fungos e xilófagos, além de manchas de tinta, gordura ou umidade. Esses são os fatores que têm contribuído substancialmente para o aumento do grau de dificuldade de leitura e transcrição da documentação manuscrita do século XIX. Entretanto, os aspectos condizentes às normas da Paleografia contribuem para que os caracteres da escrita da época estudada possam ser conhecidos.

Outro aspecto que merece destaque, na leitura paleográfica da documentação Irmandades, é a sistemática presença de termos eclesiásticos e expressões latinas. Muitos são os termos que exigem o conhecimento de um vocabulário referente à linguagem eclesiástica. Pode-se perceber, então, que a habilidade da leitura paleográfica se relaciona também à necessidade de entender a especificidade da comunicação interna da Igreja. De certa forma, se ao decifrar-se uma palavra, não se conhece o seu significado, não é possível aferir o valor do conteúdo. Assim, para além do conhecimento do vocabulário e grafia da época, temos desenvolvido pesquisas no sentido de aprofundarmos mais estas competências.

2. METODOLOGIA

2.1. Normas para transcrição paleográfica de textos brasileiros

Com o objetivo de dar tratamento arquivístico à série Irmandades do Século XIX, foi iniciado o processo de leitura da referida documentação, produzindo resumos capazes de permitir que os próximos passos do tratamento sejam realizados até a descrição final. A leitura dos documentos da série Irmandades condicionou a equipe de estagiários do LEV a buscar o aperfeiçoamento de suas habilidades técnicas e teóricas para a leitura paleográfica. O auxílio dos

coordenadores do projeto de preservação, conservação, restauração e tratamento arquivístico do LEV, os professores Afonso Florence e Venézia Braga, é fundamental para o crescimento da equipe.

A identificação das palavras da forma como eram escritas no século XIX acontece cada vez mais em menor tempo e com maior precisão. É evidente que, sem o conhecimento das técnicas paleográficas, as pequenas dificuldades seriam intransponíveis – como desdobrar abreviaturas, interpretar os sinais de pontuação, bem como separar as palavras unidas ou unir aquelas que foram separadas. Esses são alguns dos aspectos comuns à leitura paleográfica dos documentos da série Irmandades do LEV.

As incertezas em relação a nomes, termos, expressões, a forma das letras e palavras, o estilo da escrita, entre outros aspectos da paleografia, levou os estagiários a ficarem sempre em contato com os coordenadores, almejando elucidar as suas dúvidas. A troca de conhecimento entre os próprios estagiários também contribuiu, facilitando a atividade diária da leitura dos documentos antigos. Temos utilizado algumas publicações que fornecem ajuda na interpretação dos termos eclesiásticos, bem como no desmembramento das abreviaturas e siglas.

Quanto à leitura das assinaturas, existe uma dificuldade ainda maior, que decorre da caligrafia dos padres, vigários e diretores, os quais – como qualquer indivíduo em qualquer época – tinham a sua própria forma de assinar, nem sempre muito legível. Como a assinatura é uma parte importante do documento, por conferir-lhe autenticidade, ela deve ser sempre decifrada. Isto significa dizer que, em muitos documentos, a decifração de uma assinatura demanda enorme atenção – é muito comum que até o primeiro nome esteja abreviado pela primeira letra.

Um exemplo possível é um nome como “Francisco”, que no século XIX poderia ser escrito das seguintes formas: “Fra^{co}”, “Frac” e “Frac^o”; ou “Gonçalves”, que também era abreviado de formas diversas, sendo as mais comuns “Gl” ou “Glz”. Dessa forma, a consulta de um outro documento auxilia na decifração de algumas assinaturas, tornando possível comparar os títulos daqueles que assinam. Entretanto, não tem sido possível a elucidação de muitas assinaturas, devido às inúmeras formas em que podiam ser escritos os nomes próprios. As formas de titulação das autoridades eclesiásticas, bem como os nomes de Freguesias e Irmandades, aparecem sob a forma de sigla, e não abreviatura. Todos esses casos são descritos, sendo corretamente desdobrados para a constituição de um preâmbulo.

Já com referência à caligrafia, a maior parte dos documentos tem seu conteúdo escrito por um escrivão ou um copista. E estes indivíduos possuíam a caligrafia comum da época, o que facilita a leitura. Alguns dos documentos têm o texto compreendido, mas alguns deles têm a assinatura, ou uma parte do próprio texto, indecifrável.

As variações da ortografia também são inerentes aos documentos e são identificadas corretamente quando encontramos palavras escritas de forma diferente de como são escritas hoje. Quase sempre existe um padrão para tais variações. Uma vez que o leitor se torne familiarizado com esses padrões, os problemas causados por tais variações ortográficas, praticamente, deixam de existir. (PALEOGRAFIA Portuguesa Básica, 1978).

O objetivo destes procedimentos é seguir diretrizes, critérios e convenções que padronizam as transcrições paleográficas, com vistas a uma apresentação uniforme das mesmas, sem, contudo, perder sua integridade e fidedignidade com relação ao original.

3. CONCLUSÃO

Enfrentamos assim, os desafios da leitura Paleográfica Portuguesa do século XIX nos documentos da Série “Irmandades” do *Arquivo da Cúria Metropolitana de Salvador*, parte de seu enorme e riquíssimo acervo, sobre a qual estamos nos debruçando. Dentre alguns deles, podemos citar: primeiro, a transcrição das letras e números do documento original para um estilo com o qual se esteja familiarizado; segundo, a identificação das abreviaturas usadas no texto do registro; terceiro, a interpretação dos sinais de pontuação usados; quarto, a separação ou união das palavras que não estejam separadas ou unidas no texto original; quinto, a leitura e transcrição dos números e

datas; sexto, a identificação das palavras, que são escritas de maneira diferente das que usamos no português atual; e por último, a determinação dos significados dos termos não familiares ou ditos arcaicos.

4. REFERÊNCIAS

BELLOTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos Permanentes: Tratamento Documental**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

BERWANGER, Ana Regina & LEAL, João Eurípedes Franklin. **Noções de Paleografia e de Diplomática**. 2.ed. Santa Maria: Editora da UFSM, 1995.

MILLARES CARLO, Agustin. **Paleografía española**. Barcelona: Labor, 1929. 2 v.

PALEOGRAFIA Portuguesa Básica. Departamento de História da Família de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Série H, nº 20, 1978.

PROU, Maurice. **Manuel de Paléographie latine et française**. Paris: Auguste Picard, 1924.

ROMAN BLANCO, Ricardo. **Estudos paleográficos**. São Paulo: Laserprint, 1987.